

É POSSÍVEL PENSAR UMA EPISTEMOLOGIA PARA A EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL EM UM CONTEXTO DE PANDEMIA?

IS IT POSSIBLE TO THINK OF AN EPISTEMOLOGY FOR THE EDUCATION OF CHILDREN AND ADOLESCENTS IN SITUATIONS OF SOCIAL VULNERABILITY IN A CONTEXT OF A PANDEMIC?

Shirlei Mendes Faustino

RESUMO: Os debates traçados pelo campo da epistemologia da educação trazem contribuições significativas para pensar as novas formas de ensino. Apesar de sua inegável relevância, o contexto histórico atual, provocado pela pandemia de Covid-19, apresenta novos desafios, que demandam um constante repensar das estratégias de ensino. A história da educação brasileira é marcada por imensas desigualdades sociais que atingem, especialmente, crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. A pandemia estimulou o debate sobre a exclusão social, as desigualdades de acesso às tecnologias informacionais e, em consequência, à educação de qualidade. Estima-se ainda que o confinamento social, proposto por autoridades sanitárias, pode ampliar os riscos de exposição das crianças e, sobretudo, o silenciamento à violências ocorridas no ambiente intrafamiliar. Diante deste quadro, o presente trabalho procurou dialogar com autores como Thomas Khun, Boaventura e Souza Santos e Charles W. Mills, tão importantes para a construção do pensamento científico, com vistas à problematização dos desafios epistemológicos e pedagógicos vivenciados pela educação contemporânea no Brasil. Objetiva-se assim, colaborar com reflexões que possam ser relevantes para o debate sobre os novos paradigmas do ensino.

Palavras-chave : Epistemologia; Educação; Vulnerabilidade Social; Pandemia COVID-19.

ABSTRACT: The debates drawn by the field of education epistemology bring significant contributions to think about new forms of teaching. Despite its undeniable relevance, the current historical context, caused by the Covid-19 pandemic, presents new challenges, which demand a constant rethinking of teaching strategies. The history of Brazilian education is marked by immense social inequalities that affect especially children and adolescents in situations of social vulnerability. The pandemic has stimulated the debate on social exclusion, inequalities in access to information technologies and, consequently, on the challenge for quality education. It is also estimated that social confinement, proposed by health authorities, can increase the risks of children's exposure and, above all, the silencing of violence that occurs in the intrafamily environment. In view of this situation, the present work sought to dialogue with authors such as Thomas Khun, Boaventura and Souza Santos and Charles W. Mills, so important for the construction of scientific thought, with a view to problematizing the epistemological and pedagogical challenges experienced by contemporary education in Brazil. Thus, the objective is to collaborate with reflections that may be relevant to the debate on the new teaching paradigms.

Keywords: Epistemology; Education; Social Vulnerability; COVID-19 Pandemic.

INTRODUÇÃO

A relevância do conhecimento científico para educação é inegável. Não é possível fazer menção às conquistas históricas na área da educação, sem considerar quão importante foram os questionamentos postos, que ocasionaram em novas conquistas. Sobre isso, Bachelard (1981) observa: “sem a interrogação não pode haver conhecimento científico; nada é evidente, nada nos é dado, tudo é construído”. É sobre a ótica da importância da interrogação que pensaremos a magnitude da epistemologia para a educação.

Para pensar a epistemologia para a educação, faz-se necessário elucidar o próprio conceito em si, conceito esse, que tem sua gênese na filosofia, mas porém, se propõe, à reflexão sobre o conhecimento científico, considerando as contradições do processo histórico e social de construção desse conhecimento. Para compreendermos melhor sua importância, remeto ao conceito utilizado por Oliveira, no qual a autora destaca:

A epistemologia estuda a produção do conhecimento em abordagem lógica, ideológica, sociológica, política etc.; formula juízos valorativos na apreciação do grau de cientificidade dos discursos das ciências; elucida o trabalho de produção de conhecimento do cientista e estuda a gênese e a estrutura do conhecimento científico, bem como as condições de sua produção (OLIVEIRA, 2016 p. 17).

Nesse sentido, a epistemologia aplicada à educação está em constante movimento de acordo com o processo histórico em que esteja envolta, o que resulta em conhecimento que necessita estar em constante atualização.

Ao longo da história, muitos autores se dedicam a traçar propostas de epistemologias que contribuam com orientações de melhorias na prática educacional. Praia, Cachapuz e Gil-Pérez (2002) analisaram os contributos da epistemologia aplicada no campo da Educação em Ciência, visando orientar práticas educacionais. Os autores ressaltam a importância da formação de professores, bem como a tomada de consciência por parte dos alunos e da sua participação na construção do processo de ensino aprendizagem. Chinelli, Ferreira e Aguiar (2010) analisam a importância da epistemologia no contexto de sala de aula, voltada para os professores de ciências. Os autores destacam quão importante é a formação continuada desses profissionais, tendo em vista mudanças constantes sobre a maneira de conceber a atividade científica. Albuquerque e Buecke (2019) analisam estudos entre 2000 e 2017, sobre a educação escolar nos Congressos Brasileiros de História da Educação estudando como a formação do conhecimento ocorre nesse espaço, quais variáveis são consideradas pelos estudiosos ao pensar essa educação e como está posto o debate epistemológico para os mesmos. Dentre essas e outras propostas, surgem temáticas como as classes sociais, contextos históricos e culturais, grupos minoritários, infância, etc., ou quaisquer outros contextos que precisam ser analisados em conjunto. À medida que a sociedade vem se modificando, faz-se necessário repensar as estratégias e adequá-las aos novos desafios.

Atualmente, vivemos um momento sem precedentes na história da epistemologia da educação, pois estamos diante de um contexto de pandemia de Covid 19, onde milhões de crianças e adolescentes, no mundo todo, permanecem confinadas ao lar, muitas devido condições de alta vulnerabilidade, que, devido seu contexto

social, são privadas, inclusive da educação à distância, que tem sido apontada como alternativa. Outras, apesar do acesso às aulas remotas, acabam tendo cerceado seu direito ao importante processo de socialização que o ambiente escolar propicia. Essas reflexões podem nos levar a uma questão importante, sobre a possibilidade de estarmos diante de um momento de mudanças de paradigmas. O que demonstra, que o contexto atual reflete uma necessidade de se repensar metodologias que efetivamente alcancem essas crianças e adolescentes privados do ambiente escolar.

Diante do exposto, será possível pensar uma epistemologia de educação, para crianças e adolescentes que vivem em situação de vulnerabilidade social, em um contexto de pandemia? Para isso iniciaremos refletindo sobre o papel da epistemologia na educação atual, partindo das contribuições de Thomas S. Khun; posteriormente será feita uma breve discussão sobre os desafios que crianças e adolescentes enfrentam em seu cotidiano, quando estão em contexto de vulnerabilidade social, dialogando com Boaventura de Souza Santos, por meio de suas contribuições sobre o pensamento pós-abissal; sobre os desafios enfrentados com a ausência do acesso à tecnologia no contexto atual; e como se dá a comunicação, entre professores e alunos, pensada com as contribuições de Charles Wright Mills, no contexto atual. Pretende-se assim, fazer algumas reflexões que possam ser úteis para uma epistemologia da educação em tempos de pandemia, que englobe contextos sociais de maior vulnerabilidade.

O PAPEL DA EPISTEMOLOGIA NA EDUCAÇÃO HOJE

É inegável a importância da epistemologia para pensar a educação. E para refletir sobre isso, é importante resgatar as contribuições de um autor que é referência para o pensamento científico. Thomas S. Kuhn, em sua obra *A Estrutura das Revoluções Científicas* (1978), aborda a temática da epistemologia tendo como ponto de partida a análise das crises de paradigmas, que impulsionam questionamentos e orientam mudanças estruturais nas perspectivas científicas. O autor considera que novos paradigmas trazem novidades fundamentais, que ao serem incorporadas à nova ciência, alteram as perspectivas do campo científico que passa a ser afetado por essas mudanças. Esses novos paradigmas têm início com a percepção de anomalias que tendem a desequilibrar o que é reconhecido como ciência normal. A detecção dessas anomalias traz a necessidade da exploração e análise das novas percepções, até que as novidades sejam reconhecidas como científicas. Atualmente, nos vemos diante de uma crise do atual paradigma educacional, já que o contexto atual de crianças e adolescentes isolados em suas residências, por medidas sanitárias, apontam desafios, que não podem ser ignorados e que, requerem reflexões acerca das possibilidades de sua superação.

Bartelmelbs (2012) analisa a centralidade dos paradigmas para Khun. A autora procura relacionar suas reflexões com a educação nos dias atuais, e chega a conclusão que, atualmente estamos diante do paradigma do ensino, onde todo tipo de pesquisa se dedica a dar respostas para seu aperfeiçoamento. Azevedo e Pinto (2020) ressaltam que o emergir de outras teorias causam crises inevitáveis. Muitos pesquisadores se voltam para o ensino, seja em suas dissertações ou teses, ou trazendo reflexões para a prática. Tudo está concentrado em dar respostas de como melhorar as condições de educação por meio do ensino, desde as formações continuadas aos profissionais da educação, à maneira que ações práticas têm sido pensadas, ou à

relevância em pensar o aluno de forma integral. O objetivo central é proporcionar um ensino de qualidade. Para Bartelmelbs, o ensino passa constantemente por rupturas e alianças com outras áreas, que refletem em perguntas e dados, que muitas vezes não podem ser respondidos. Pensar o fenômeno do ensino, tal como tem sido estudo, em um período de pandemia, aponta para uma crise de paradigma e remete à necessidade de superá-la.

A educação formal, em que crianças e adolescentes são submetidos aos muros e regras da instituição, se depara a partir de agora, no contexto de isolamento social, com a necessidade de ser substituída por muros e regras de sua própria residência, tendo como uma das principais ferramentas metodológicas o ensino à distância. Ensino esse, que ainda encontra resistências para sua implementação, tanto por parte dos professores como dos próprios alunos, que antes, dispunham de ferramentas tecnológicas que visavam o lúdico, e agora devem utilizar essas mesmas ferramentas como regra para esse novo modelo de ensino. Antes as regras escolares limitavam-se ao ambiente físico em que as aulas eram desenvolvidas, hoje estendem-se ao seu lar. Havia uma separação entre os problemas enfrentados no cotidiano escolar, que agora somam-se aos vivenciados no silêncio do seu lar. Crianças e adolescentes submetidas à uma lógica da educação integral no ambiente escolar, agora não conseguem dar voz às problemáticas individuais vivenciadas no ambiente intrafamiliar.

Essas poucas reflexões demonstram que os desafios e respostas almejados por esse novo ensino, são muitos. Resta saber se está posto um novo paradigma, o do ensino à distância, ou se estamos diante de uma crise de paradigmas, tendo em vista que os desafios têm se modificado e a busca por respostas se intensificado, ou se estamos diante do mesmo paradigma de ensino ainda em evolução. Acredito que a grande colaboração de Khun, para pensar esse momento, seria a crise de paradigmas que está se estabelecendo. Crise esta, tão necessária, para que de base para algo novo, que colabore para mudanças conceituais e procedimentais.

DESAFIOS COTIDIANOS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM CONDIÇÕES DE VULNERABILIDADE SOCIAL

Para refletir sobre os desafios que estão no cotidiano de algumas crianças e adolescentes, é necessário compreender o que é fazer parte de um contexto de vulnerabilidade social. De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação (UNESCO), vulnerabilidade social é o

[...] resultado negativo da relação entre a disponibilidade dos recursos materiais ou simbólicos dos atores, sejam eles indivíduos ou grupos, e o acesso à estrutura de oportunidades sociais, econômicas, culturais que provêm do Estado, do mercado e da sociedade (ABRAMOVAY, et al., 2002. p. 29).

Portanto, é possível partir do pressuposto, que a ausência desses recursos, perpassam desde a falta de uma alimentação adequada, de condições mínimas de um saneamento básico que possibilite melhores condições de higiene e saúde, condições precárias de moradia, ausência de lazer até a normalização do contexto de violência que vivenciam.

De acordo com dados divulgados pelo PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) no ano de 2019, o Brasil apresenta um dos piores índices de Gini¹ do mundo, com um coeficiente de 53,9, ocupando a posição de 8º pior país em desigualdade e distribuição de renda, perdendo somente para sete outros países africanos (PNUD, 2019). Essa imensa desigualdade tem refletido diretamente em milhões de crianças e adolescentes, que muitas vezes, só dispõem de uma alimentação adequada na instituição escolar. No entanto, o contexto de pandemia tem agravado enormemente as questões sociais, e exacerbado os desafios que esse público vem enfrentando ao longo de anos. Muitas crianças e jovens, se veem obrigados a adentrar o mercado de trabalho informal, para ajudar no sustento da família. O aumento do desemprego contribui para um maior número de famílias sem teto e dependente de programas assistenciais governamentais ou não governamentais, contribuindo ainda mais para falta de assistência adequada para crianças e adolescentes.

Outro fator preocupante, é o agravamento do contexto de violência e maus tratos a que algumas crianças e adolescentes são expostos em ambiente doméstico. Muitas vezes são vítimas de violência intrafamiliar e não sabem como pedir ajuda. A ausência da instituição escolar nessa ocasião, tem sido avassaladora para eles, já que, muitos maus tratos, são percebidos por professores ou profissionais da instituição em contato com essas crianças e adolescentes, ou são relatados pelos mesmos em situações de confiança.

No Brasil, os dados apontados no Boletim Epidemiológico realizado pelo Ministério da Saúde de 2011 a 2017, destacam um crescimento nos números de notificações de violência interpessoal/autoprovocada. Em 2017 houve 307.367 notificações de violência, sendo que, dentre os casos de violência interpessoal, houve predomínio das agressões físicas (67,7%), seguidas pelas psicológicas (28,8%), negligência/abandono (16,4%) e sexuais (15,4%). Violência provocada por parceiros íntimos (28,5%) e familiares (27,3%) ganham destaque como agressores mais frequentes (BRASIL, 2018). Grande parte das violências interpessoais acontece dentro de casa. E no ambiente doméstico crianças e adolescentes se tornam alvos vulneráveis, já que pode haver um silenciamento desses maus-tratos.

Dados levantados pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública em 2019, demonstram que 75,9% dos estupros relatados contra crianças e adolescentes neste período, são cometidos por pessoas conhecidas, e que 96,3 % dos casos o agressor é do sexo masculino (BRASIL, 2019). Esse triste cenário corrobora com a ideia, de que a maioria dos casos de violência sexual contra crianças e adolescentes se dá em nível intrafamiliar, onde predomina o vínculo de amizade ou confiança com as vítimas, tornando-as alvos vulneráveis, em um ambiente que deveria prevalecer a proteção, mas acaba prevalecendo o silêncio. Silenciamento esse, que não é somente da vítima motivada por medo, culpa ou vergonha, mas muitas vezes, pela própria família, na tentativa de evitar desmoralização perante o grupo social em que está inserido.

Nesse sentido, a escola é um importante veículo de proteção a qualquer tipo de maus-tratos contra crianças e adolescentes, pois se trata de um ambiente onde desenvolvem-se vínculos de confiança, onde o protagonismo de crianças e adolescentes

1 O coeficiente de Gini é um indicador social, que mede o nível de desigualdade e distribuição de renda de um país, sendo que, 0 representa igualdade absoluta e 100, desigualdade absoluta. Esse ranking demonstra o quão desigual o Brasil é, e como as riquezas do país encontram-se concentradas.

é estimulado, e que, cotidianamente é possível desenvolver a conscientização da importância de pedir ajuda. É um espaço que, historicamente, tem realizado um acolhimento, que muitas vezes a família não tem dado conta. Os laços estabelecidos com os educadores contribuem substancialmente para o encorajamento de algumas denúncias. Alguns profissionais com olhar mais apurado, que conseguem identificar possíveis sinais de abusos, têm colaborado positivamente com as notificações. Notificações essas, que deveriam ser compulsórias, mas muitas vezes, por falta de preparo por parte do profissional, por medo de efetivar uma denúncia em que a dúvida predomina, ou até mesmo por falta de informações, acaba não acontecendo.

Como vimos, os desafios que crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade enfrentam são inúmeros. Esses mesmos desafios, continuam presentes, no entanto, tem sido agravados pelo isolamento social do contexto pandêmico, que ocasiona no fechamento das escolas, aumento do desemprego que afeta diretamente as condições de alimentação e moradia, bem como o agravamento das situações de violência intrafamiliar cometidas contra esse público, com destaque para a violência sexual infantil. Estrela et al. (2020) destacam o quanto os marcadores de raça, classe e gênero aumentam a vulnerabilidade de famílias em isolamento social, trazendo à tona uma velha discussão da necessidade de um olhar diferenciado para essa população, tanto agora na pandemia, como após esse período. Toda essa situação exposta são fatores que impactam de alguma forma no processo de ensino.

Um autor que nos ajuda nessa reflexão, é Boaventura de Souza Santos, que ressalta a importância de uma epistemologia pós-abissal. Para Souza Santos (2007) as linhas abissais são uma estratégia de dominação que teve início no período colonial, visando determinar posições para quem está de um lado da linha e ou para quem está ao Sul dessa linha. O que está ao Sul ou à margem, refere-se à expropriação e violência, é quem historicamente, não é relevante e tem sua humanidade negada. O autor não faz menção ao Sul geográfico propriamente dito, mas a grupos de pessoas, comunidades ou povos, que têm em comum características que remetem a uma exclusão abissal. Pensar uma epistemologia pós-abissal, seria romper com a hegemonia do conhecimento científico, já que o mesmo é produto do pensamento abissal, o que resulta na consequente exclusão de todo e qualquer conhecimento adquirido de maneira não abissal. Sobre o conhecimento hegemônico, o autor ressalta

[...] as formas de conhecimento hegemônicas só conhecem limites internos, de modo que o uso contra-hegemônico da ciência moderna, só é possível mediante a exploração paralela dos seus limites internos e externos, como parte de uma concepção contra-hegemônica de ciência (SANTOS, 2007, p.88)

Acredito que as formas de conhecimento hegemônicas, tem limites pré-estabelecidos que, além de não serem pensados para quem está ao Sul, também não responde a mudanças de paradigmas. No momento atual, até a construção de uma epistemologia pós-abissal precisa ser repensada, já que existem fatores a serem considerados, como, o paradigma do ensino à distância, que exige certo protagonismo diferenciado tanto da criança e do adolescente, como da própria família, que assume um papel diferenciado no processo de aprendizagem. Terá esse familiar, espaço para a utilização de sua própria vivência e não necessariamente de conhecimentos técnicos, traçados previamente pelo conhecimento hegemônico? O pensamento pós-abissal aqui, poderia ser atribuído a necessidade de valorizar saberes

não relacionados que é aceito como hegemônico. E qual seria a proposta para uma epistemologia que pense o paradigma do ensino à distância, e que considere fatores de vulnerabilidade social ou contextos de violência intrafamiliar? São perguntas que ainda não se tem respostas, porém de extrema relevância para pensar os novos desafios.

DESAFIOS DA FALTA DE ACESSO A TECNOLOGIA

O acesso a tecnologia no Brasil, já tem se mostrado um desafio, já que não apresenta uma distribuição igualitária. Segundo dados disponibilizados pelo *Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação* em 2019, observou-se que 39% de alunos da rede pública não tem acesso à internet em casa, enquanto na rede privada esse percentual é de 9%. O mesmo estudo aponta que 98% dos alunos de escola urbana acessam a internet exclusivamente pelo aparelho celular² Por mais que esse acesso venha crescendo nos últimos anos, ainda existe uma imensa parcela da população que tem pouco ou nenhum acesso à internet, por exemplo. Da Cunha, de Souza Silva, & da Silva (2020) realizaram um estudo sobre o acesso ao ensino remoto, por meio de análise documental e uma análise de páginas das instituições, e chegaram a conclusão de quão excludente tem sido esse ensino remoto no que tange instituições públicas, e como esse fator tem agravado negativamente a qualidade do ensino no país. Esse problema ficou evidenciado com o isolamento social que milhares de crianças e adolescentes se deparam a partir do início do ano, que não deixou tempo para pensar metodologias prévias de inclusão no mundo digital, para que alguns não ficassem à margem do sistema de ensino.

Com o confinamento social exigido por autoridades sanitárias, as estratégias de educação precisaram ser repensadas para continuar atingindo crianças e adolescentes. A solução encontrada foi se utilizar de ferramentas tecnológicas como o acesso à mídias digitais, como televisão, celular e a própria internet, para que professores e alunos continuassem tendo contato para o desenvolvimento de ensino e aprendizagem. No entanto, ao longo do processo, deparam-se com o enorme desafio da falta de acesso. Muitos têm pouco ou nenhum acesso à tais tecnologias, outros dispõem de apenas um único aparelho celular na residência, com muitos filhos em idade escolar; outros dispõem do aparelho, mas tem pais ou responsáveis com pouco ou nenhum estudo, que não conseguem orientá-los para desenvolver o básico do que é necessário para manter um estudo à distância; E mais uma vez, crianças e adolescentes em contexto de vulnerabilidade social são os mais prejudicados para manter-se inclusos no processo educacional, já que o acesso à tecnologia no Brasil, também é reflexo da desigualdade social no país. Stevanim (2020) analisa que o problema vai além à falta de acesso, já que a escola é um importante espaço de socialização, debate e pluralidade de ideias. E sobre essa problemática, acrescento ainda, que para muitos é o único espaço em que se vivenciam a diversidade cultural e têm acesso a lazer, seja por meio do lúdico vivenciado em sala de aula, ou por possíveis interações que a escola proporciona.

O grande desafio do paradigma do ensino à distância nesse momento, é que, anteriormente esse modelo havia sido pensado para abarcar um público, com mínima

2 Fonte: CETIC – 2019. TIC Domicílios é uma pesquisa coordenada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (<https://cetic.br/pt/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-das-tecnologias-de-informacao-e-comunicacao-nos-domicilios-brasileiros-tic-domicilios-2019/>).

compreensão sobre o funcionamento de determinadas ferramentas tecnológicas e com profissionais previamente treinados para desenvolver conteúdos que seguem esse modelo. No entanto, a realidade que nos deparamos, são crianças em fase de alfabetização, muitas vezes com pais ou responsáveis que não dispõem de domínio tecnológico, adolescentes com dificuldades de desenvolver uma rotina de estudos com autonomia, e profissionais com pouco ou nenhum preparo para lidar com tais questões. Também é importante ressaltar, que ter acesso a algum meio tecnológico que possa ser utilizado para a educação, não significa estar tendo aproveitamento no desenvolvimento das habilidades propostas. Existem inúmeras variáveis que podem afetar o rendimento escolar.

Outros fatores que impactam esse modelo, perpassam desde problemas de ordem psicológica que têm assolado professores e alunos, problemas econômicos e de violência intrafamiliar, conforme já descrito acima.

Conforme Souza Santos (2007) diagnosticou, a exclusão abissal para quem está em situação de vulnerabilidade é evidente. Resta pensar, como se daria a proposta pós-abissal para o contexto de pandemia? Acredito que o desafio da falta de acesso à tecnologia, vai além da falta de internet ou de como os indivíduos estão inseridos digitalmente, mas como o contexto das mais diversas vulnerabilidades podem interferir negativamente na concretização do ensino de qualidade, mesmo para aqueles que dispõem do acesso.

A COMUNICAÇÃO ENTRE PROFESSORES E ALUNOS

A comunicação é uma importante ferramenta que o educador tem em mãos. Em tempos de pandemia, com isolamento social, as instituições escolares tem feito uso das tecnologias digitais para atingir seus objetivos. No entanto, alguns ficam excluídos desse processo: crianças e adolescentes com alguma necessidade especial, como baixa visão ou deficiência intelectual, alunos que moram em áreas onde essas tecnologia não chegam, como sítios e fazendas, vítimas de maus-tratos ou outras violências que acontecem em nível intrafamiliar e que, apesar do acesso à tecnologia, não encontram amparo emocional para dar enfoque no desenvolvimento das habilidades propostas.

Charles Wright Mills, em sua obra *Sobre o Artesanato Intelectual e outros Ensaíos* (1975), destaca que não há como dissociar o trabalho intelectual da vida prática. Quando o autor destaca o compromisso que o pensador tem com o que produz, é possível trazer suas contribuições para pensar o ensino na relação professor/aluno.

[...] o artesanato é o centro de você mesmo, e você está pessoalmente envolvido em cada produto intelectual, em que possa trabalhar. Dizer que você pode “ter experiência”, significa por exemplo, que seu passado influencia e afeta seu presente, e que ele define sua capacidade de experiência futura (MILLS, 1975, p. 22).

Assim como um pensador não separa o trabalho intelectual desenvolvido, do que vivencia em sua vida, o aluno, principalmente quando a educação escolar se dá no espaço físico da sua residência, não deixa de lado seus problemas cotidianos para ser aluno. Nesse sentido, o artesanato intelectual, seria como um trabalho manual, personalizado, e, portanto, não pode ser feito em série, pois tem finalidades únicas. É como o próprio ato de pensar ou de refletir. Pensar várias vezes sobre o já

pensado, que é algo que o trabalho docente produz. A produção docente não pode ser replicada em série. Quando estamos em contextos sociais distintos, quando temos variáveis distintas a serem avaliadas, temos uma situação em que o próprio trabalho artesanal precisa ser tecido. Não existem fórmulas ou receitas prontas, existem métodos a serem desenvolvidos e testados em cada situação.

Tal como a experiência de vida do pesquisador ou professor afeta diretamente o seu mundo de trabalho, acredito que o que é vivenciado pelos alunos em seus contextos influencia diretamente no ensino e na aprendizagem. A ideia de trabalho artesanal, aqui, pode ser enquadrada na situação do próprio professor, que em meio ao paradigma do ensino a distância e de isolamento social, traz instabilidade psicológica, hoje, mais do que nunca, afetando o produto intelectual de seu trabalho, por meio de uma nova rotina e por crises, principalmente por estar em condição de confinamento. Quando aplicamos a mesma questão ao que está sendo vivenciado pelos alunos, principalmente os que estão em situação de vulnerabilidade social ou num contexto de violência intrafamiliar, é possível afirmar categoricamente, que, o que estão vivenciando no presente, afetará sua capacidade de experiência futura.

O pesquisar, analisar, refletir do pesquisador (artesanato intelectual), também é desenvolvido em sala de aula no cotidiano. E o contexto atual, traz a necessidade ainda maior de não massificar o ensino, pois temos que considerar a intervenção das variáveis atuais, como isolamento social, vulnerabilidades sociais, falta de acesso às tecnologias, possíveis contextos de violência intrafamiliar, etc., e só assim chegaremos perto de pensar o aluno individual de forma integral.

O grande desafio que se coloca na comunicação entre professores e alunos, está no fato de que, os professores também possivelmente podem estar fragilizados com o impacto que a mudança ou a crise de paradigma lhes causou. Agora, no espaço da sua residência, também pode estar sendo afetado financeira ou psicologicamente, e nem sempre será possível ignorar tais situações e simplesmente aplicar metodologias prescritas, para assim alcançar o aprendizado com excelência. Assim como, não é possível, também, manter a mesma comunicação com o aluno que, muitas vezes, fragilizado por questões similares ou piores, devido fragilidades a que são expostos cotidianamente, e que não os deixam em condições de pedir ajuda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até o momento, foi possível elencar vários desafios desse novo momento para a epistemologia da educação, principalmente quando analisamos a realidade de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

Ao dialogarmos com Khun, é possível observar que, a detecção de questionamentos, muitas vezes sem resposta, assim como as anomalias, são parte da construção de novos paradigmas. E que essa crise paradigmática tende a ocasionar um processo de superação de paradigmas anteriores. Acredito que o novo paradigma que se instaura é o do ensino à distância, que tem gerado uma crise no conhecimento hegemônico aceito até o momento. O que virá após, provavelmente alterará a maneira como professores e alunos encaram tanto a maneira de ensinar, como a maneira de aprender.

No entanto, existe uma face da pandemia, ainda invisibilizada, que são crianças e adolescentes em contexto de vulnerabilidade social, que tem sido amplamente

afetados pela ausência da instituição escolar. A exclusão para esse público, se dá de várias formas, seja pela aumento do desemprego de seus pais e responsáveis, pelo aumento de famílias que perderam a moradia e passaram a viver e situação de rua, pela ausência de uma alimentação adequada, antes garantida, pela falta de acesso à tecnologia, para continuarem acompanhando o ensino à distância, ou pelo crescente número de maus tratos que muitos sofrem dentro do próprio lar.

A grande contribuição de De Souza Santos (2007) para analisarmos essa temática, é evidenciar o que está além da linha abissal. Linha essa, que se acentua ainda mais para esse público já excluído anteriormente por condições sociais, agora sem o amparo da instituição escolar, e que se encontra ainda mais à margem. A educação abissal hegemônica não dá conta das especificidades e necessidades de crianças e adolescentes que em pleno isolamento social, que se encontram desamparadas econômica, social e psicologicamente. Assim como, não é possível pensar uma epistemologia, como bem ressalta Mills (2009), que leve em conta somente o aluno e não considere que o professor, agora, mais do que nunca, também influencia e sofre influência do seu trabalho e do momento que está vivendo.

O grande desafio aqui, é pensar uma epistemologia, que dê conta dessa crise, e que considere que, todas as questões elencadas aqui, não desaparecem com o fim da pandemia e o retorno às instituições escolares. São questões que não podem mais ser separadas da vida e da memória de todos, e que terão impacto direto no ensino e aprendizagem de crianças e adolescentes, assim como de seus professores.

Todas as interrogações postas até o momento, como outras que surgirão, estão pouco a pouco, tecendo a teia da construção de novos paradigmas para a epistemologia da educação. Percebe-se, que é de extrema importância pensar uma epistemologia voltada para a educação de crianças e adolescentes, que considere as variáveis sociais a que estão submetidas; que pense estratégias para a inclusão de alunos em contexto de vulnerabilidade social; que aponte possíveis caminhos para que os laços de confiança entre professores e alunos não se perca com a distância; que essa criança ou adolescente continue tendo com essa relação, um possível caminho para relato de violências sofridas em âmbito intrafamiliar; que sejam criadas alternativas de ensino à distância que não sejam tão dependente do fator tecnologia, que já se mostrou excludente.

O momento histórico que estamos vivendo, expõe o quão atual é o pensamento de autores como Thomas Khun (1978), Charles W. Mills (2009) e Boaventura de Souza Santos (2007). A epistemologia para a educação pensada por esses autores, mobilizou a comunidade científica, cada um em seu momento histórico, e trouxe contribuições importantes para direcionar o pensamento da educação.

Concluo que não foi possível obter soluções para os questionamentos postos pela educação no contexto de pandemia de Covid 19, no entanto, foi possível elencar algumas possibilidades, de como pensar o momento atual, que podem colaborar para o debate e que futuramente, poderão impulsionar possíveis soluções e dar visibilidade a questões que poderiam passar despercebidas.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. e al., et. 2002. *Juventude, Violência e Vulnerabilidade Social na América Latina: Desafios Para Políticas Públicas*. Brasília : UNESCO BRASIL, 2002.

ALBUQUERQUE, M. B. B. e BUECKE, J. E. O. Educação não escolar: balanço da produção presente nos Congressos Brasileiros de História da Educação. *Revista Brasileira de História da Educação*, p. v. 19. 2019.

BACHELARD, G. *La Philosophie du Non*. Paris: Presses Universitaires de France. 1981.

BARTELMÉBS, R. C. Resenhando as estruturas das revoluções científicas de Thomas Kuhn. *Revista Ensaio*, v.14, n. 03, p. 351-358 set-dez. B.H.: 2012.

BRASIL. Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2019. *Fórum Brasileiro de Segurança Pública*. Setembro de 2019.

BRASIL. Boletim Epidemiológico - Secretaria de Vigilância em Saúde. *Ministério da Saúde*. Volume 49. Nº 27. Jun. 2018.

BRASIL, PNUD. Relatório do Desenvolvimento Humano 2019. Além do desenvolvimento, além das médias, além do presente: Desigualdades no desenvolvimento humano no séc XXI. Brasília: *Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento* (PNUD), 2019.

CGI.BR. *Pesquisa Sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios Brasileiros - TIC Domicílios 2019*. São Paulo: CGI.br, 2020. (Disponível em: <https://cetic.br/pt/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-das-tecnologias-de-informacao-e-comunicacao-nos-domicilios-brasileiros-tic-domicilios-2019/>) acesso 26/06/2021.

CHINELLI, M. V., FERREIRA, M. V. da S. e AGUIAR, L. E. V. de. Epistemologia em sala de aula: a natureza da ciência e da atividade científica na prática profissional de professores de ciências. *Ciência & Educação* (Bauru), pp. v. 16, n. 1, p. 17-35, 2010.

DE AZEVEDO, R. B; PINTO, V. F. A INFLUÊNCIA PARADIGMÁTICA DA CIÊNCIA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA: a (re) produção do conhecimento. *Revista Ensino de Ciências e Humanidades-Cidadania, Diversidade e Bem Estar-RECH*, v. 4, n. 2, jul-dez, p. 127-147, 2020.

DA CUNHA, L. F. F.; DE SOUZA SILVA, A.; DA SILVA, A. P. O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação. *Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal*, v. 7, n. 3, p. 27-37, 2020.

DE SOUZA SANTOS, B. Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 78, Outubro. 2007 3-46 p.

ESTRELA, F. M. et al. Pandemia da Covid 19: refletindo as vulnerabilidades a luz do gênero, raça e classe. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, p. 3431-3436, 2020.

KUHN, T. A *Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

Mills, C. W. *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Zahar. 2009

OLIVEIRA, I. A. *Epistemologia e Educação: bases conceituais e racionalidades científicas e históricas*. Petrópolis : Vozes, 2016.

PRAIA, J. F., CACHAPUZ, A. F. C. e GIL-PÉREZ, D. Problema Teoria e Observação em ciência: Para uma Reorientação Epistemológica da Educação em Ciência. *Ciência & Educação*, pp. v8, nº1, p.127 – 145. 2002.

STEVANIM, L. F. et al. Exclusão nada remota: desigualdades sociais e digitais dificultam a garantia do direito à educação na pandemia. *RADIS: Comunicação e Saúde*, n. 215, p. 10-15, ago. 2020. disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/43180/2/Exclus%c3%a3oNadaRemota.pdf>. Acesso 26/06/2021